

metafórico, que recupera a memória num verdadeiro “inventário cívico”, conforme o tradutor. Simone Weil é o motivo do último ensaio e, nele, a saborosa noção de epopéia da escritora, que lê a *Iliada*, tanto voltada para o passado grego, como para as pulsões do presente da história humana.

Luiz Gonzaga Marchezan
UNESP

Armstrong, Piers. *Third World Literary Fortunes: Brazilian Culture and Its International Reception*. Cranbury, NJ: Bucknell UP, 1999. 262 pp. Notes. Bibliography. Index.

O livro de Piers Armstrong estuda a literatura brasileira a partir do século XIX até a contemporaneidade. Busca os fundamentos sócio-culturais que contribuíram para a recepção desta literatura no exterior, incorporando os contextos referentes à história, à política e à cultura.

Na introdução, ele situa o Brasil em relação à América Latina a partir da discussão sobre a costumeira exclusão do país do contexto geral latino-americano através de cinco perguntas. A primeira questiona o uso dos termos América Latina e América Espanhola de maneira indistinta, o que exclui o Brasil da discussão sobre a literatura latino-americana. A distinção entre os termos é essencial para o estudo de Armstrong.

Para o autor, um objeto literário resulta da gestão e recepção do trabalho. Assim, a literatura brasileira conhecida no exterior limita-se ao que o público recebe (ou aceita receber). Portanto, o cânone altera-se por fatores exteriores ao valor literário da obra que tornam a percepção literária mais complexa. Constata-se, então, que a literatura brasileira e a dos demais países da América Espanhola tiveram diferentes recepções no exterior. Para sua análise, Armstrong discute os casos de Machado de Assis, Guimarães Rosa, Mário de Andrade, Jorge Amado, e Carlos Drummond de Andrade, criando um grupo seletivo para o estudo aprofundado, onde não figura nenhuma mulher, já que Clarice Lispector é apenas citada de passagem.

No primeiro capítulo, sobre o caráter histórico da literatura brasileira moderna no contexto da América Latina, Armstrong compara o desenvolvimento literário recente do Brasil com os países da América Espanhola. Depois, explica que a obra de um autor pode ter uma recepção no país de origem e outra fora, citando Guimarães Rosa, cuja recepção doméstica foi positiva e a internacional negativa. Armstrong acredita que o teor das literaturas influencia a recepção, e sendo a literatura brasileira menos essencialista (termo que desenvolve no quarto capítulo), ela tem recepção menor. Entretanto, o anti-essencialismo brasileiro não é obedecido por Jorge Amado, que segue um essencialismo conforme a tradição sócio-antropológica do gosto internacional, tendo assim uma recepção maior. Um critério de diferenciação entre as literaturas vem do modernismo (*Modernismo* no Brasil e *Vanguardismo* nos outros países). Para sua análise, Armstrong utiliza escritores a partir do pré-realismo citando José de Alencar, Aluísio de Azevedo, Machado de Assis, Lima Barreto, e Cruz e Souza. Chega ao modernismo: de 22 com Mário de Andrade e Oswald de Andrade, de 30 com Graciliano Ramos e Jorge Amado, até 45 com Guimarães Rosa, Clarice Lispector e João Cabral de Melo Neto.

O segundo capítulo contém detalhes da vida e obra de Guimarães Rosa, Machado de Assis, Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade e Jorge Amado. Os dados fornecidos nas breves biografias servem como contextualização que ajudam no entendimento da obra de cada autor, fornecendo a base para o terceiro capítulo, onde

Armstrong analisa a recepção das obras de cada um dos cinco escritores dentro e fora do Brasil. Chega à conclusão de que existe mais interesse acadêmico no exterior para a obra de Amado do que no Brasil e que, fora do círculo acadêmico, Rosa é quase desconhecido internacionalmente. Parte do problema de recepção estrangeira está no entendimento do lugar da literatura brasileira no meio acadêmico exterior. Outro ponto pode ser a dificuldade de tradução das obras, como ilustrado pelo caso de *Grande Sertão: Veredas*, embora já traduzido para vários idiomas. Existe uma diferença entre as recepções no Brasil e fora, entre autores e entre recepção no meio acadêmico e por parte do público leitor não acadêmico. Jorge Amado é o único escritor que consegue sucesso em todas as recepções embora a crítica não o avalie de maneira unânime, pois a avaliação de Amado é melhor fora do Brasil, ao contrário dos demais autores. O caso da relativa pouca recepção dos brasileiros é mais interessante quando Armstrong a compara com escritores do *Boom* da América de língua espanhola. Armstrong conclui que a literatura brasileira está fadada à obscuridade internacional por não atender ao “apetite” deste mercado.

No quarto capítulo, “Sócio-Antropologia e Cultura Popular”, há uma quebra da análise literária e avalia-se a ligação entre a tradição sócio-anropológica e a literatura no Brasil. Armstrong utiliza exemplos como Euclides da Cunha e Gilberto Freyre para evidenciar a relação entre as áreas. As análises de símbolos culturais como carnaval, Rio de Janeiro, Bossa Nova, cultura Afro, nordeste (Bahia) e música salientam a complexidade da identidade cultural e social brasileira que leva à conclusão, no capítulo final, sobre a uso inadequado do termo Terceiro Mundo aplicado ao Brasil, já que este termo falha em captar as especificidades nacionais. Finalizando, Armstrong retoma as idéias desenvolvidas anteriormente para chegar à triste conclusão para os admiradores da literatura brasileira de que ela tem falhado em se fazer notar e admirar fora do Brasil. Só nos resta trabalhar para mudar este cenário.

Paula Rodrigues Pontes
University of Georgia

O Brasil dos Brazilianistas: Um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos, 1945-2000. Org. Rubens Antonio Barbosa, Marshall C. Eakin, and Paulo Roberto de Almeida. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

Brazilianism is an odd phenomenon. Its usage among academics seems to contain a kind of biological assumption: that scholars of Brazil born in the United States (and perhaps the United Kingdom) “naturally” have a unique “unBrazilian” understanding of the country. The assumption seems quite country specific: there is little discussion in Brazil of “o brasilianista” Levi-Strauss (born in France) or of “a brasilianista” Katia M. de Queirós Mattoso (born in Greece) while the “anthropologist” Levi Strauss and the “historian” Mattoso seem to merit much interest. Yet it is rare indeed when the introduction to a publication or lecture by a United States-born scholar of Brazil does not include the word “brasilianist” and all its associated cultural baggage.

It is exactly the uncontrollable “naturalness” of “Brazilianism” that seems to result in heated discussions often based on a kind of “new eugenics” theory where citizenship is related to some kind of incontrovertible idea of national race. Even Brazilian Ambassador to the United States Rubens Antônio Barbosa, who sponsored the project that led to the book (and to make a full disclosure, in which I participated as a guest of the Embassy),